

# Temas Gerais em Psicologia 2

**Janaina Merhy**  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2018

Janaina Merhy  
(Organizadora)

# Temas Gerais em Psicologia 2

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Natália Sandrini

**Revisão:** Os autores

#### **Conselho Editorial**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b> <b>(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
T278	Temas gerais em psicologia 2 / Organizadora Janaina Maria Fernandes Merhy Picciani. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.  Formato: PDF Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-55-0 DOI 10.22533/at.ed.550181510  1. Psicologia. I. Picciani, Janaina Maria Fernandes Merhy. CDD 150
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

“Temas Gerais em Psicologia 2” é uma obra que remete à pluralidade do campo da Psicologia, uma ciência de olhares múltiplos e inúmeras possibilidades; exatamente como o seu objeto de estudo, o ser humano. Cada vez mais justifica-se o uso do termo “Psicologias” para uma área do conhecimento que não teme a diversidade de ideias e perspectivas.

Do início da Psicologia, preocupada em firmar-se como ciência, cumprindo os protocolos vigentes, até a contemporaneidade, nota-se um enorme crescimento de conhecimento e pesquisas que sustentam a atual demanda pela aplicação deste saber aos mais diversos campos.

Nesta obra é possível acompanhar o “olhar clínico” da Psicologia, na análise do vínculo terapêutico ou das distorções cognitivas em um caso de depressão; o “olhar para o grupo” das identificações adolescentes ou do ambiente pré-escolar e seus signos de saúde e patologia; o “olhar transubjetivo”, da cultura na qual estamos inseridos, através da análise de obras literárias; o “olhar social” para o comportamento sexual liberal ou para os dilemas da Psicologia Jurídica; o “olhar do pesquisador” que procura respostas nos registros documentais sobre recrutamento e seleção dos profissionais com deficiência ou nos registros sobre o material didático usado em Análise do Comportamento para a formação do Psicólogo.

Cada capítulo abre diferentes reflexões, interseções e possibilidades para o olhar atento do leitor. Desta forma, a leitura desta obra certamente provocará novos pesquisadores e psicólogos a contribuir para o desenvolvimento deste campo plural. No trânsito entre as diversas áreas da Psicologia abordadas nesta obra, evidencia-se o potencial desta ciência, que só faz crescer e instrumentalizar-se, a fim de conseguir alcançar a complexidade do homem contemporâneo.

Janaina Merhy

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O VÍNCULO TERAPÊUTICO EM UM CASO DE IDEAÇÃO SUICIDA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Ana Lia Paes de Barros Mendes Regina Celia Paganini Lourenço Furigo	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
PENSO, LOGO ME COMPORTO: A FLEXIBILIZAÇÃO DE IDEIAS DISFUNCIONAIS EM UM CASO DE DEPRESSÃO	
Fábio Henrique Paulino Tatiana de Cássia Ramos Netto Jacqueline Araújo de Souza	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
UM CASO DE RESISTÊNCIA: O GAROTO QUE DEIXOU DE SER O LATERAL	
Marielle Frascareli Lima Ana Celina Pires de Campos Guimarães	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA EM PSICOPATOLOGIA: A CORRELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA NA DETECÇÃO DE SIGNOS NO AMBIENTE PRÉ-ESCOLAR	
Isabela Victória Teixeira Keytli Cardoso Paulino Tiago Gonçalves Corrêa	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>44</b>
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E ADOLESCÊNCIAS: O “SI” ENTRE IDENTIDADES E IDENTIFICAÇÕES	
Flávia Ávila Moraes Bruno Aires Simões Juliana Pereira de Araújo	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>60</b>
DILEMAS ÉTICOS DA PSICOLOGIA JURÍDICA NO SISTEMA PRISIONAL	
Erik Cunha de Oliveira	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>73</b>
O COMPORTAMENTO SEXUAL LIBERAL NOS MOVIMENTOS MODERNOS	
Maria Fernanda Sanchez Maturana Vagner Sérgio Custódio Isadora de Oliveira Pinto Barciela	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
RECRUTAMENTO E SELEÇÃO DOS PROFISSIONAIS COM DEFICIÊNCIA NO ATUAL SÉCULO: UM ESTUDO EM ATENÇÃO À SAÚDE	
Guilherme de Souza Vieira Alves Vanessa Cristina Sossai Camilo	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>92</b>
A PSICOLOGIA EM MATO GROSSO DO SUL: CATALOGAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO	
Felipe Maciel dos Santos Souza	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>104</b>
ANALISANDO A AFETIVIDADE NA OBRA LITERÁRIA A CULPA É DAS ESTRELAS: UMA PERSPECTIVA DOS PROCESSOS PSICOLÓGICOS BÁSICOS	
Paulo de Tarso Xavier Sousa Junior Kalina Galvão Cavalcante de Araújo	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>112</b>
ANÁLISE DO CONTO: “A CHAVE NA FECHADURA”, DE CECÍLIA PRADA	
Sarah Thayne Rodrigues Silva Santos	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>116</b>

## O COMPORTAMENTO SEXUAL LIBERAL NOS MOVIMENTOS MODERNOS

**Maria Fernanda Sanchez Maturana**

Universidade Estadual Paulista  
Araraquara- São Paulo

**Vagner Sérgio Custódio**

Universidade Estadual Paulista  
Araraquara- São Paulo

**Isadora de Oliveira Pinto Barciela**

Universidade Estadual Paulista  
Presidente Prudente- São Paulo

**RESUMO:** Os movimentos modernos estão em expansão nas sociedades devido ao estigma e a violência ainda serem constatadas em grupos que são considerados “desviantes” dos padrões normativos sociais. Desta maneira, os movimentos visam minimizar a repressão e objetivam possuir seus direitos fundamentais de liberdade no qual, podem expor seus comportamentos em ordem pública. Sendo assim, o objetivo desse artigo foi o de analisar historicamente os movimentos modernos sexuais abordando os avanços e retrocessos quanto a repressão. Para que os objetivos pudessem ser alcançados utilizou-se de uma metodologia essencialmente qualitativa. Concluiu-se que a repressão da idade medieval inserida pela Igreja Católica não é mais evidente, porém muitas pessoas continuam a não aceitar comportamentos sexuais divergentes do padrão

tradicional. Desta forma, muito ainda têm-se que evoluir para que esses grupos consigam viver com uma qualidade de vida satisfatória sexualmente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comportamentos. Movimentos. Sexualidade.

**ABSTRACT:** Modern movements are expanding in societies because stigma and violence are still evident in groups that are considered “deviant” from normative social standards. In this way, the movements aim to minimize repression and aim to have their fundamental rights of freedom in which they can expose their behavior in public order. Thus, the objective of this article was to analyze historically the modern sexual movements approaching the advances and setbacks regarding repression. In order for the objectives to be achieved, an essentially qualitative methodology was used. It was concluded that the repression of the medieval age inserted by the Catholic Church is not more evident, however, many people still do not accept sexual behaviors divergent from the traditional standard. In this way, much more has to be developed so that these groups can live with a satisfactory quality of life sexually.

**KEYWORDS:** Comportamentos. Movimentos. Sexualidade.



## 1 | INTRODUÇÃO

O comportamento sexual liberal pode ser considerado um dos movimentos modernos mais atuantes na atualidade. Quando o assunto é sexo, há uma imensidão de opiniões e atitudes. A divergência é ainda maior porque a temática sexo é influenciada por diferentes determinantes, seja a religião, a política, o gênero, a classe social, a cultura, dentre outros aspectos que estarão sempre em evidência nos movimentos para defenderem suas causas.

Muitos elementos contribuíram para o cenário dos comportamentos sexuais contemporâneos. Se hoje os movimentos ainda buscam respeito e igualdade é porque ainda almeja-se inclusão dentre os diferentes segmentos sexuais. Entretanto, hoje há uma visível evolução comparando-se à antiguidade. Um dos fatores mais relevantes a se comentar é a religião.

Em épocas medievais, o sexo com cunho de desejo e prazer era ilícito, considerado imoralidade sexual como crime público tão grave quanto roubar, assassinar e estupro. A repressão tinha a intenção de resguardar a honra das famílias e as propriedades abastadas. Os atos de punição envolviam não só as mulheres, mas também os homens que se relacionavam fora do casamento (SILVA, 2014).

As condenações, portanto, tinham ainda uma forte carga moral que consolidou-se com a tradição da Igreja Católica, inspirada em diversas outras tradições e na própria Bíblia, que preconiza a morte para adúlteros, banimento social para homens que fazem sexo com mulheres menstruadas e apedrejamento para o homem que tiver relações sexuais com alguma mulher já prometida em casamento (SILVA, 2014, p.228)

Na Idade Média nos séculos XI a XIII a repressão sexual por parte da religião era evidente. As leis nas Europas foram se aperfeiçoando e atingiam democraticamente todas as classes punindo-os igualmente dentre reis, camponeses e laicos. O crescimento das cidades contribuiu para o acréscimo de novas punições civis contra especificamente ao adultério, a fornicação e a prostituição, dentre as estruturas antigas de justiça real, feudal e eclesiástica, pois qualquer ameaça às famílias tradicionais sagradas era considerado como violação da função pública que, deveriam imediatamente serem reguladas moralmente para que as almas fossem salvas da imoralidade (DABHOIWALA, 2012).

[e]m ambos os casos, o religioso e o sexual, acreditava-se que a punição era um meio eficaz de reformar as almas e preservar a coesão social. Isso funcionava principalmente de quatro maneiras. Em primeiro lugar, a punição ritual aplacava a ira da comunidade e eliminava a conspiração de seu meio. Em segundo, ela dissuadia os outros. Em terceiro, forçava o infrator a parar com o comportamento criminoso. Por fim, a punição também podia ajudar a gerar uma verdadeira mudança de consciência. Uma das grandes metas do policiamento sexual sempre era induzir a penitência e a reconciliação entre os pecadores e aqueles que se haviam ofendido. Quando aliada à educação e à persuasão, a imposição do sofrimento era considerada um meio eficaz de abrir a mente das pessoas para o erro de suas atitudes. Os que aplicavam a punição gostavam de pensar em si mesmos como médicos benevolentes, trazendo lunáticos espirituais de volta à sanidade, usando



Em um contexto um pouco superior, relata-se a influência religiosa no contexto Brasileiro no qual, a liberdade de comportamento e a sexualidade exposta dos indígenas poderiam ter prevalecido sobre o conservadorismo cristão europeu que se estabeleceu no país com a colonização.

A sexualidade brasileira foi constatada através de documentos coloniais como marcada pela moralidade cristã, em contraponto com a liberdade sexual abrangentes nos costumes indígenas e africanos. A Igreja Católica continuava a tentar impedir a exposição sexual através de ações coercitivas, punitivas e pedagógicas contra a sodomia, a bigamia, o adultério, o concubinato e a bestialidade. Entretanto, o próprio clero era atuante de crimes sexuais no qual, tentavam reprimir, ao mesmo tempo em que não respeitavam a castidade e o celibato. Desta forma, esse artigo pretendeu analisar historicamente os movimentos sexuais abordando todo o histórico europeu e brasileiro descrevendo assim, os avanços e retrocessos dos comportamentos sexuais em sociedade. Para que isso pudesse ser analisado, utilizou-se de referenciais bibliográficos em uma pesquisa de cunho essencialmente qualitativa.

## **2 | AVANÇOS E RETROCESSOS DO COMPORTAMENTO SEXUAL EM SOCIEDADE**

Dabhoiwala (2012) relata que ao final do século XVIII a repressão começou a perder força com o início de uma revolução sexual, ao passo em que a Reforma de aprofundava marcando a separação dos mundos pré-moderno e moderno.

Um dos fatores que começaram a influenciar as mudanças atitudinais modernas foram as alterações territoriais visto que, o mundo rural medieval se substituiu por cidades populosas. Conseqüentemente, o espaço urbano trás com ele novas concepções e culturas no qual, a moralidade tradicional mais facilmente implantada no meio rural deixa de ser evidência em um contexto urbano mais anônimo e impessoal com relacionamentos sexuais mais expostos socialmente.

A Reforma em conjunto com a ciência moderna, moldaram o contexto da modernidade pois, com o surgimento de uma religião rival a Igreja Católica perde sua expansão e autoridade social diminuindo-se desta forma, a ideia de obrigação moral fundamentada na lei divina.

Rawls (2000) evidencia a Reforma como o início marcado do mundo moderno ao mesmo tempo em que Dabhoiwala (2012) explana sobre a influência da Reforma no declínio de um sistema sexual público repressor

As obras do filósofo e do historiador confluem para mostrar que liberdade de consciência, tolerância e criação de uma esfera sexual privada fazem parte de um mesmo conjunto de profundas alterações políticas, sociais, morais e jurídicas que passaram a moldar as sociedades democráticas ocidentais (SILVA, 2014, p. 231).

A mudança esteve presente principalmente na ideia do privado, de opiniões pessoais e não mais de um pensamento voltado a cumprir leis que moldavam a sociedade de

forma repressora. A modernidade fez com que aos poucos tenha-se a ideia de liberdade, igualdade, moralidade e direitos sexuais (SENNET, 1974). Sem essa esfera individual, não há liberdade de consciência e, muito menos liberdade sexual.

O que está por trás disso pode ser claramente constatado na questão da sexualidade e dos direitos sexuais. Com o surgimento das concepções modernas e, principalmente, iluministas, de indivíduo, sujeito e direitos individuais, o mais íntimo daquilo que constituía o espaço privado, o sexo, foi lançado na esfera pública. As reivindicações contemporâneas a respeito de liberdade sexual, união homossexual etc. têm a interessante e ambígua características de mostrarem, ao mesmo tempo, o sexo como tema de debate no espaço público e o sexo e as escolhas e opções sexuais como fazendo parte daquilo que constitui nosso direito mais fundamental, íntimo e privado (SILVA, 2014, p. 226).

O século XVIII foi de grandes mudanças, pois o privado tornou-se possível às pessoas principalmente porque a pessoa passou a ter direito de seguir seus próprios desejos e sua consciência para resolver seus problemas pessoais visto que, as punições agora só aconteciam quando as ameaças eram públicas ou seja, quando poderiam prejudicar a sociedade. Diferentemente do que ocorria anteriormente quando atitudes pessoais que não prejudicavam o próximo eram passivas de punição da mesma maneira. Agora, o que se faz com o próprio corpo é algo considerado à esfera privada assim como deve ser. Isso não quer dizer que a Igreja passou a aceitar o adultério, a contracepção, a masturbação, porém não procuram mais impor suas crenças e valores de maneira repressora (SILVA, 2014).

O adultério e fornicação já não eram mais crimes públicos, além da prostituição que em 1725 foi decretada como prisão ilegal. Neste sentido, Dabhoiwala (2012) resume essa evolução alegando que a tolerância sexual surgiu a partir da tolerância religiosa. Entretanto, faz-se necessário relatar que na prática, nem tudo se resolveu visto que, os movimentos modernos mais atuantes ainda se direcionam à questões sexuais ainda não aceitas em sociedade.

A pílula-anticoncepcional foi um marco para divergir o sexo para reprodução ao sexo como prazer. Ela foi descrita como “acontecimento definidor” da segunda metade do século XX (GELLES, 1995).

Ao quebrar a ligação natural entre a atividade sexual e a reprodução, a pílula contraceptiva teve um impacto dramático na vida cotidiana: a reprodução tornou-se, para muitas pessoas, uma questão de escolha e de planejamento familiar e a revolução sexual dos anos 60, com destaque para o sexo recreacional e promíscuo, foi anunciada (GELLES, 1995, p.10)

Ao mesmo tempo em que a pílula proporciona reprodução opcional ao ser humano e previne doenças sexualmente transmissíveis, faz com que jovens tendem a tornar-se sexualmente ativos mais cedo (CHERLIN, 1996). Archard (2000) também comenta essa fase no qual, os jovens obtiveram mais poder, aumentaram sua liberdade de fazerem escolhas dentre elas, o seu comportamento sexual.

Outro aspecto revelador da modernidade é a mudança das famílias tradicionais. Agora, muitas delas monoparentais possuem uma aceitação mais natural assim como,

o divórcio.

Também faz-se evidente a alteração dos papéis sociais que antes eram pré-estabelecidos entre homens e mulheres no qual, com a influência do feminismo está cada vez menos nítido, ao mesmo tempo em que, houve perceptivelmente uma maior aceitação da homossexualidade que, aos poucos é mais respeitada e menos estigmatizada principalmente com o auxílio de movimentos e representações em conjunto com a variedade de políticas que contemplam a igualdade de oportunidades.

Os transexuais também puderam ser reconhecidos com o avanço dos estudos que lhes envolvem, porém é válido ressaltar que ainda há muita exclusão e violência com esse grupo (MASSON, 1995).

Neste sentido, têm-se um grande número de autores que defendem e discorrem sobre a evolução sexual:

Hoje em dia a “sexualidade” foi descoberta, revelada e tornada acessível ao desenvolvimento de diferentes estilos de vida. Trata-se de algo que cada um de nós “tem” ou cultiva, não sendo mais uma condição natural que o indivíduo aceita como estado de relações predestinadas (GIDDENS, 1992)

A sexualidade, defende o autor, tornou-se “plástica”- por outras palavras, uma “característica maleável do eu, um ponto de ligação principal entre o corpo, a auto identidade e as normas sociais (GIDDENS, 1992:15).

Não há limites para a atividade sexual, salvo os vinculados pela generalização do princípio da autonomia e pelas normas negociadas da relação pura. A emancipação sexual consiste em integrar a sexualidade de plástico com o projeto reflexivo do eu (GIDDENS, 1992:194).

O mundo sexual contemporâneo aparece como irrevogavelmente pluralístico, dividido num grande número de unidade soberanas e numa multiplicidade de sítios de autoridade...Já não existe um discurso hegemônico que nos diga como nos devemos comportar. (WEEKS, 1995: 27).

Em relação aos avanços da ciência, relata-se que foi a partir do século XIX que as variações da sexualidade humana passaram a ser analisadas. Porém, esses estudos pouco contribuíam para as classes que eram consideradas “desviantes” socialmente, pois esses estudos eram para reenquadrar esses grupos aos padrões heteronormativos e não para que eles pudessem ser socialmente aceitos (SILVA, 2014).

A modernidade possuía grandes avanços quanto a diminuição da repressão sexual, entretanto essa repressão continuava ativa dentre os grupos com sexualidades divergentes do que era socialmente aceitável. Desta forma, a violência e o estigma instigavam os movimentos sociais modernos que se organizavam desde a década de 1970 (ALMEIDA, 2012).

A história do movimento social organizado demonstra que a militância passou por várias fases, entre elas: o florescimento na década de 80, o recrudescimento na década de 90 e uma revitalização após a virada do milênio, em decorrência, principalmente, da destinação de recursos financeiros às ONGs para que desenvolvessem estratégias de enfrentamento da Aids. Com o fortalecimento dos movimentos sociais expandiu-se, também, a pauta de reivindicações deste

segmento da população historicamente marginalizado pelas condutas e expressões tidas como desviantes no meio social. Travestis, transexuais, lésbicas e gays, por exemplo, passaram a reivindicar direitos previdenciários, casamento ou parceria civil entre pessoas do mesmo sexo, adoção de crianças, reconhecimento da família homoafetiva, entre outros direitos no campo jurídico (ALMEIDA, 2012, p.357).

Em teoria, houve grande evolução quanto aos conceitos de sexualidade e identidade de gênero, porém eram úteis apenas para contrapor os modelos hegemônicos visto que, na prática ainda eram considerados desviantes e impedidos de libertarem seu próprio desejo que continuará reprimido ou subordinado assim como, ocorria em épocas medievais. Essa evolução parcial também não atingiu outras classes como as pessoas com deficiência, as pessoas idosas, e as prostitutas que ainda são motivos de tabu com uma sexualidade não aceita.

Visibilidade e construção de identidades, estes são alguns dos desafios dos militantes dos Direitos Humanos e Sexuais. O silêncio e a invisibilidade geram sofrimento e impedem o agenciamento de forças que podem ser empregadas no enfrentamento do preconceito. Uma consequência ainda mais funesta do silêncio: privar a sociedade de promover reflexões acerca do nível de violência presente em sua própria estrutura e que é alimentada pelas ações humanas cotidianas. A desigualdade que caracteriza os nossos comportamentos propicia a disseminação de reações fascistas e discriminatórias, que tendem a mover ações individuais e coletivas (ALMEIDA, 2012, p.360).

De acordo com Giddens (1992), o sexo na sociedade atual não é mais inibido socialmente, porém continua sendo alvo de discussões e pesquisas por não englobar toda a camada da população. As mudanças culturais após a Revolução Sexual da década de 1960 tiveram proporções consideráveis na sociedade ocidental e no pensamento científico mundial acerca do sexo, da sexualidade e do gênero, porém muito ainda têm-se a evoluir.

Essa crescente diversidade de valores sexuais envolve a evolução tecnológica e social que proporciona novas atitudes sexuais e padrões de comportamento entre diferentes grupos que se unem para exporem suas posições.

Ainda hoje, essa diversidade incomoda as famílias consideradas dentro do “padrão heteronormativo”, famílias “tradicionais” que não aceitam comportamentos sexuais expostos na esfera pública envolvendo desacordos entre conservadores e liberais e entre devotos e não devotos.

Em relação às classes consideradas desviantes, relata-se que têm-se dois lados a serem analisados, o do liberalismo e o do conservadorismo no qual, influenciam diretamente os movimentos sociais principalmente os que englobam grupos que evidenciam o comportamento sexual liberal em sociedade.

Rohmann (2000) diz que o liberalismo pode ser considerado uma doutrina política, social e econômica defendendo a liberdade individual e privada. Já Knight (2003) diz que o liberalismo engloba também as crenças religiosas e educacionais que envolvem a liberdade, a discussão, a tolerância de diferentes visões, a mudança social, o igualitarismo e os direitos das minorias.

Para os liberais, a neutralidade da lei deve ser mantida de forma a respeitar as pessoas como seres independentes e livres, capazes de decidirem por si mesmas. Assim, indivíduos considerados “desviantes” da norma não devem ser punidos, pois seus atos não são considerados prejudiciais aos direitos de outros indivíduos, nem à segurança social. Desta forma, o argumento liberal não permite tentativas legais de penalização da diferença. Os liberais podem até compartilhar os julgamentos negativos de conservadores sobre modos particulares de conduta, sem que esses julgamentos, no entanto, sirvam de base para uma intervenção legal e social. Assim, os argumentos liberais protegem as práticas homossexuais, por exemplo, porque estes relacionamentos indicam escolhas de seres individuais (GUERRA. GOUVEIA, 2007, p. 43).

Já o conservadorismo é mais repressor não aceitando determinados comportamentos no plano público. Heave e Oxman (1999) entendem o conservadorismo como “um fator geral subjacente ao campo das atitudes sociais, e enfatiza a existência de uma correlação positiva do conservadorismo com o preconceito e as atitudes negativas frente a exogrupos.”

Desta forma, entende-se que a principal diferença e discussão entre os dois grupos está no ato sexual e nos comportamentos públicos que são reprimidos pelos conservadores assim como, ocorria nas eras medievais junto a Igreja Católica. Neste sentido, o liberalismo atrelado à sexualidade e ao gênero, denominado de liberalismo sexual posiciona-se à aceitação/afirmação da liberdade individual e da autonomia pessoal dentre os diferentes e possíveis comportamentos a se seguir, sendo o direito mais fundamental, íntimo e privado do ser humano.

Se há uma ideia mais ridícula do que qualquer outra, é aquela de um legislador que, quando um homem e uma mulher estão em concordância sobre um assunto deste tipo, coloca-se entre eles, examinando situações, regulando ocasiões, e prescrevendo modalidades e posturas.” Pelo contrário, de um ponto de vista utilitarista, a soma total de prazer humano que podia ser obtido com o sexo era incomparável. Era a mais universal, a mais facilmente acessível, a mais intensa, “a mais copiosa fonte de deleite”, “de todos os prazeres o mais sublime”; podia-se demonstrar matematicamente que não havia nada que mais “conduzisse à felicidade”. Se fosse estabelecida uma “liberdade totalmente abrangente para todos os modos de satisfação sexual”, incluindo a tolerância a contracepção, aborto, infanticídio e divórcio, isso seria um enorme benefício permanente à humanidade (BENTHAM, 1979, p.30).

A luta dos militantes dos Direitos Humanos e Sexuais é algo que está previsto em lei e que deveria ser respeitado dentre os diferentes grupos. Os desafios englobam a minimização do estigma e a aceitação em público, pois a exclusão social gera violência e sofrimento por não poderem se expor e por não serem livres conforme possuem direito. A exclusão causa desta forma, disseminação de reações fascistas e discriminatórias que tendem a mover ações individuais e coletivas.

As últimas décadas foram marcadas pela globalização e a expansão da mídia que facilitaram a erotização. Esses aspectos são importantes para se tentar refletir e discutir mais a respeito de aspectos sexuais advindos da verbalização da sexualidade no qual, não devem mais estar apenas no domínio privado para serem aceitos de forma completa ao âmbito social (SENNET, 1974).

Giddens (1992) também explica a importância do diálogo sobre a diversidade sexual, relatando que o próprio ato de falar sobre ela indica uma postura positiva para a reflexão e a minimização do medo na exposição social de seus comportamentos em uma modernidade dita como avançada.

Os comportamentos sexuais são analisados através de um conjunto alargado de indicadores, capazes de reconstituir elementos-chave da biografia sexual dos indivíduos, atestando a maior ou menor orientação para lógicas experimentalistas, por oposição a lógicas restritivas da experiência sexual (GIDDENS, 1992, p.10).

Neste sentido, é válido ressaltar que a reflexão a respeito das diversidades sexuais pode ser instigada desde a educação escolar no qual, os alunos devem entender e respeitar os diferentes comportamentos sexuais pois, mesmo com concepções e valores diferentes deve-se esclarecer a possibilidade de um convívio social harmônico.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os professores devem estar preparados para discutirem o assunto sem indagarem suas opiniões particulares, pois a escola deve influenciar a reflexão quanto aos valores da sociedade indagando a igualdade e o respeito. Desta forma, os educadores devem favorecer os valores sexuais universais, direcionando os indivíduos a terem atitudes e comportamentos de tolerância e compreensão com os grupos que não são similares aos seus.

Esse direcionamento deve envolver diretamente a opinião e as experiências dos alunos quanto suas relações sociais e sexuais. Thompson (1997) defende a ideia de que as vozes de crianças e adolescentes devem englobar as discussões de educação sexual para uma reflexão crítica e que tornarão esses indivíduos mais respeitosos quanto aos movimentos sociais e os comportamentos sexuais liberais.

### REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, M.R. **Diversidade sexual e movimentos sociais**: algumas contribuições da Teoria Crítica Revista JurisFIB | ISSN 2236-4498 | Volume III | Ano III | Dezembro 2012 | Bauru.

BENTHAM, J. **Uma introdução aos princípios da moral e da legislação**. 2a ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

DABHOIWALA, F. **As origens do sexo**: a história da primeira revolução sexual. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2013. The Origins of Sex: A History of the First Sexual Revolution. London: Penguin, 2012.

GIDDENS, A. (1992) **The Transformation of Intimacy**: Sexuality, Love and Eroticism in Modern Societies, Cambridge: Polity Press.

GUERRA, V.M.; GOUVEIA, V.V. **Liberalismo / Conservadorismo Sexual**: Proposta de uma Medida Multi-Fatorial. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2007.



HEAVEN, P. OXMAN, L. (1999). **Human values, conservatism and stereotypes of homosexuals.** Personality and Individual Differences, 27, 109-118.

RAWLS, J. **Justiça e democracia.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ROHMANN, C. (2000). **O livro das idéias.** São Paulo, SP: Campus.

SENNETT, R. **Les tyrannies de l'intimité.** Paris: Éditions du Seuil, 1974.

SILVA, W.V.O. **Pluralismo, liberdade sexual e modernidade.** Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2014.

WEEKS, J. (1995) **Invented Moralities: Sexual Values in an Age of Uncertainty,** Cambridge: Polity Press.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-85107-55-0

